

PERCEPÇÕES DE UM LIVRO: DESVELANDO LÍVIA DE OLIVEIRA

Bianca Beatriz Roqué¹

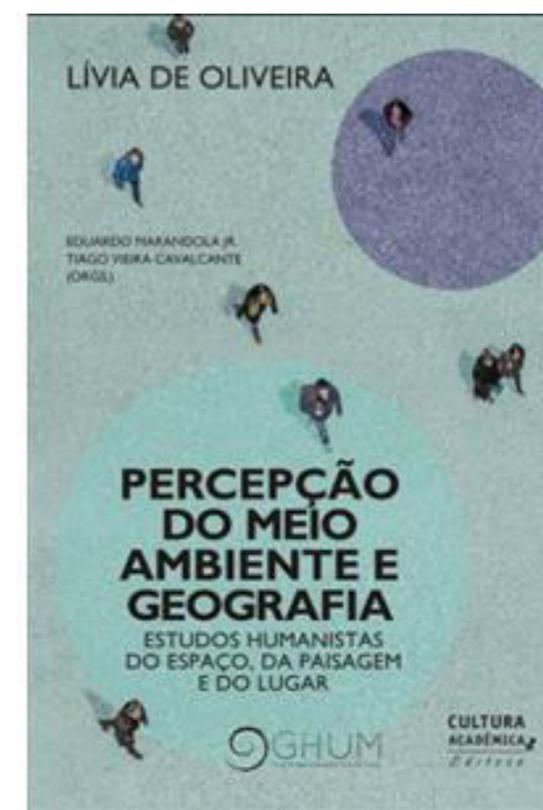
OLIVEIRA, Livia de. Percepção do Meio Ambiente e Geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. MARANDOLA JR., Eduardo; CAVALCANTE, Tiago Vieira (Orgs). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. 196 p. ISBN 978-85-7983-893-4

Antes de descrever propriamente as percepções sobre o conteúdo do livro, faz-se necessária uma breve história de sua escrita. Livia de Oliveira, atualmente com 90 anos, dedicou dois terços de sua vida à Geografia. Publicou mais de 50 artigos em revistas científicas e capítulos de livros voltados às áreas de Ensino, Percepção do Meio Ambiente, Sabores e Epistemologia. Foi pioneira nos debates de Geografia Humanista no Brasil, tendo traduzido três obras do geógrafo Yi-Fu Tuan.

Ao tratar de estudos humanistas que referenciam o espaço vivido e experienciado, antes de postular suas teorias, Livia viveu intensamente na prática, viajando o mundo, experimentando os mais excêntricos sabores, partilhando afetividades com variadas etnias e contemplando as mais exóticas paisagens. Soube entrelaçar de maneira primorosa seus estudos e suas vivências. O conhecimento que advém destas páginas não teria adquirido tal densidade se resultasse apenas de teorias.

Em 2008 foi fundado o Grupo de pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM), sob sua liderança (p. 30). O grupo consistia em sua maioria de alunos em formação, e, em sua minoria, de professores universitários, sendo, além de Livia, os professores Werther Holzer, da Universidade Federal Fluminense, e o professor Eduardo Marandola Jr., da Universidade Estadual de Campinas, Lúcia Helena Gratão, da Universidade Estadual de Londrina, Lurdes Bertol Rocha e Rita Jaqueline Chiapetti, ambas da Universidade Estadual de Santa Cruz. Com o tempo, o grupo foi formando novos professores, hoje perpetuando a então ressuscitada linha Humanista Cultural da Geografia que esteve prestes a desaparecer no Brasil, em meio ao predomínio de outras correntes.

Quase dez anos se passaram, em meio a discussões e propostas na busca de sistematizar os trabalhos voltados à Geografia Humanista Cultural, quando percebeu-se uma necessidade de organizar trabalhos



de Livia em forma de livro. Primeiro porque parte dos artigos não estavam acessíveis via internet. Só teria acesso, quem se aventurasse a vasculhar as prateleiras empoeiradas de periódicos nas bibliotecas, e acima de tudo, tivesse a sorte de encontrá-los. Outros textos são transcrições de falas em eventos, portanto, adquirem um caráter mais informal na escrita, mas não menos relevantes.

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). biancabatrizroque@gmail.com.

✉ Av. Cel. Francisco H dos Santos, 100, sala 108, 1º andar, Centro Politécnico, Edifício João José Bigarella, Curitiba, Paraná. Caixa Postal 19001. 81531-980.

A brilhante ideia de organizar o livro foi de Eduardo Marando Jr., que então convidou o recém-doutor, ex-orientando de Livia, Tiago Vieira Cavalcante, a enveredar pela empreitada. E para quem pensa que basta juntar calhamaços de papel, numerar as folhas e colocar uma capa, é um ledão enganoso. A labuta percorreu o tempo-espaço de mais de um ano, envolvendo trabalho braçal e intelectual. O primeiro, refere-se ao exercício de digitar novamente todos os textos, uma vez que parte dos artigos existiam apenas na versão impressa. O segundo, não menos trabalhoso, consistiu em pensar uma linha condutora para concatenar todos os artigos de uma maneira fluida, orgânica e coerente, lembrando que os textos não foram pensados para constituir um livro, mas sim, publicados em diferentes momentos da carreira acadêmica de Livia. Os 10 artigos abrangem um período de publicação de 1977 a 2016, contando com alguns inéditos, como a própria introdução.

Todas as etapas passaram pelo aval de Livia, que sempre minuciosa nos detalhes, também teve sua participação na organização. Assim, nasceu um sumário dividido em três partes: a primeira trata da epistemologia geográfica, a segunda da percepção e cognição do meio ambiente, e a terceira da paisagem e percepção geográfica. Quanto à epistemologia, está pautada principalmente no psicólogo Jean Piaget. O autor conceitua sobre os períodos de aprendizagem das crianças: sensório-motor, pré-operatório e operatório; apontando a idade aproximada em que geralmente ocorre a passagem para o novo estágio de desenvolvimento.

Parte-se agora para as percepções do conteúdo do livro. O livro compõe-se da introdução e mais três partes, cada uma composta por três artigos. A primeira intitulada “Uma epistemologia geográfica”, a segunda “Percepção e cognição do meio ambiente” e a terceira “paisagem e percepção geográfica”. Após a leitura completa da obra, a associação das teorias de Piaget com a Geografia Humanista, a

Fenomenologia, a Percepção do Meio Ambiente, suscitou algumas reflexões. A primeira delas é: a criança no período sensório-motor não formula teorias, conceitos e técnicas. Não tem obrigações, apenas vive, em sua ingenuidade no nível da ação primitiva. Nesta fase, a criança é sonhadora, curiosa, realiza seus próprios experimentos para conhecer o espaço através de seu corpo. Leva qualquer objeto à boca para conhecer o sabor do mundo, deita e rola na terra envolvendo-se no ambiente, sem medo de se sujar. Observa atenta as nuvens formando desenhos, sem preocupar-se com o tempo. À medida que a criança cresce, o processo educativo impute os modos da ciência de pensar o mundo, de racionalizar, em que os educadores estimulam os avanços para os próximos estágios de desenvolvimento.

Na fase adulta, o humano é imbuído de uma série de cobranças: aprender, passar no vestibular, trabalhar, ter uma profissão e assumir as responsabilidades. Deixa-se de viver para teorizar sobre a vida. Assim, aquela magia da infância vai desaparecendo, diluindo em meio aos deveres, onde o adulto se esquece como era ver o mundo pelas lentes da criança. A percepção do meio ambiente na Geografia, embebida de um cunho fenomenológico busca justamente resgatar esta fase mais elementar da criança no adulto, ou seja, suspender temporariamente o conhecimento adquirido para experienciar e perceber o mundo com a candura capaz de deixar-se penetrar através dos sentidos.

A segunda reflexão foi provocada quando Livia aponta para a distinção de percepção nos ambientes do campo, ambiente urbano e ambiente selvagem. No mundo atual, com o advento da tecnologia, há o chamado “ambiente virtual”, onde Livia referencia “no pós-modernismo assiste-se ao simulacro, um estado de réplica tão próxima da perfeição, na qual a diferença entre o original e a cópia é quase impossível de ser percebida, de ser discriminada” (p. 183). Ao observar as crianças que nasceram nesta era da tecnologia, é possível constatar

que desde muito cedo manuseiam aparelhos como computadores, *tablets* e *smartphones* com uma desenvoltura surpreendente. Qual seria então, a diferenciação que a criança faz entre os ambientes real e virtual? A tecnologia não estaria acelerando as fases de desenvolvimento propostas por Piaget? O autor desenvolveu parte de sua teoria observando seus próprios filhos. É um desafio, para pesquisas futuras investigar as influências destas inovações na percepção dos espaços/tempos contemporâneos.

Na segunda parte do livro, é evidenciado que a percepção das pessoas pode ser focada em diferentes dimensões de escala, desde a percepção de um objeto, até a percepção do mundo. Desta maneira, os níveis de investigação em percepção geográfica também podem variar desde o global até o pessoal. À medida que se amplia o campo perceptivo, o lugar vai se transformando em espaço para as pessoas, afastando-se de espaços íntimos, cotidianos e de contato direto para espaços da imaginação.

A autora cita Tuan, afirmando que lugar é segurança e espaço é liberdade (p. 167) sugerindo que os conceitos geográficos podem ser distintos enquanto suas formas de percepção. Espaço, paisagem e lugar, como o próprio título do livro sugere, são conceitos geográficos mais comumente associados aos estudos de percepção do meio ambiente e explorados pela autora, mas Lívia também não deixa

de mencionar os conceitos de região e território enquanto outras dimensões do espaço terrestre (p. 80).

A terceira parte do livro, reverbera em uma nova ponderação. Existe um processo perceptivo cognitivo, cujo esquema é apresentado na obra (p. 128). A realidade é percebida pelos órgãos sensoriais, uma seleção instantânea que gera a sensação. Para se transformar em percepção, passa pelos filtros culturais e individuais, que, por sua vez, para ser configurada como cognição passa por filtros significativos, onde, mais uma vez, passa por filtros elaborativos, transformando-se em conduta, relacionada à atitude, opinião e ação.

A partir da observação da figura, foi possível refletir: sendo a percepção uma parte do processo perceptivo cognitivo, foi cunhado o termo “percepção ambiental” mais usual na comunidade científica. As outras etapas do processo: sensação, cognição e conduta, não poderiam também articulados ao termo “ambiental”, na formulação de novos conceitos? A topofilia, por exemplo, é resultante de todo o processo, referente mais a uma conduta que a uma percepção.

Por fim, cabe salientar que o tema de percepção do meio ambiente é apenas um dos muitos que Lívia dedicou-se em sua trajetória acadêmica. Resta o desafio, a novos e futuros geógrafos humanistas culturais, a organização de novos volumes que possam propiciar aos leitores o deleite de navegar por páginas construídas por uma geógrafa de notável sabedoria. ☺